

GUEDALYIÁ NÃO FOI EM VÃO

1/10/2000 Benjamin Mandelbaum

Uma das passagens bíblicas, mais intrigantes é a de Gênesis XXII versículo 25-33, que se refere a luta vitoriosa de Jacó com o anjo, da qual resulta de um lado, no deslocamento da coxa de Jacó, com a correspondente proibição desta mesma região de servir como alimento casher e por outro lado, na mudança do nome de Jacó para Israel, nome que passa a designar o povo desta descendência. É intrigante pois não se evidencia no texto o porque deste embate, nem fica clara qual a natureza deste anjo, nem o seu nome é revelado. Da vitória Jacó exige que o anjo lhe abençoe .

O nome próprio Israel é dado como uma benção, significando ‘o que se debate com D’s’. Sem dúvida, esta é uma das características marcantes deste nosso povo também alcunhado por D’s de ‘povo da dura cervix’, difícil de se curvar. Um povo marcado pelo embate e conflito, interna e externamente, positiva e negativamente. É positiva enquanto resistência às opressões históricas, como baluartes da liberdade em suas várias manifestações, quer na múltipla cultura dos costumes religiosos, nas ciências, nas filosofias, ou nas artes. O humor judaico é exemplar deste debater-se com graça. Por outro lado, é negativa quando idólatra, mesquinha, arrogante e intolerante, pois em nome de uma pretensa superioridade prega a eliminação do diferente, visto como inferior. O conflito que nos traz a diferença, tanto interna quanto externamente, não é para ser eliminado, mas sim aceito como centelha de movimento transformador de crescimento e integração.

Após o Rosh Hashaná temos o dia do Jejum de Guedaliyá (do nascer ao por do sol), em reverência ao assassinato de Guedaliyá, governador judeu na ocupação romana, considerado traidor por outro judeu fratricida. Prenúncio da destruição do Templo e dispersão do povo .

A co-incidência deste Jejum de Guedalyiá logo a seguir de Rosh Hashaná, que preserva uma festividade inaugural aos Dias Intensos, merece nossa consideração como marca da intensidade temível crescente destes dias. O tema é a intolerância, tal como na passagem bíblica do Yom Kipur que mostra a pretensão de Jonas de querer ser mais realista que o rei e condenar logo o povo de Nínive, desacatando a prescrição divina de lhe dar uma última oportunidade de se redimir e retornar. Serve de lembrança de que nesse dia o Rigor não se confunda com a rigidez, oriunda do excesso de Julgamento. No Dia do Julgamento clamamos por Misericórdia.

No momento em que assistimos uma aceitação globalizada crescente ao judaísmo, ao ponto de quase “virar moda”, assistimos estarecidos o aumento da intolerância interna, cujo ponto maior foi o assassinato de Rabin. Esta Guedalyiação, caça as bruxas e traidores, onda interior do judaísmo intolerante fundamentalista é fanática e ataca o que lhe seja diferente. Desde um filme, que como arte é por si só pró-vocativo, sendo alvo de censura, até atacar direta ou indiretamente as alas mais progressistas do judaísmo religioso de São Paulo e Rio de Janeiro.

A primeira vez em que a palavra pecado, desvio do alvo, é escrita na Torá se refere ao episódio de Caim e Abel. Foi simultaneamente o primeiro homicídio, fratricídio e genocídio (¼ da população da humanidade). Mesmo assim, Caim não foi extinto, mas marcado, sendo condenado quem o eliminasse.

Podemos, ou não, debater com os Guedalyiás, ou Caims interiores ou exteriores, mas a sua tolerância é fundamental para o nosso crescimento como indivíduo, como povo, como humanidade. A humildade é a grande temática destes dias intensos. Humildade que vem de húmus, da qual também deriva a palavra homem, humano, tal qual Adão vem de adamá=terra. Pó do que viemos e para o qual retornaremos nos nivelando a todos horizontalmente, sem superioridade alguma. Esta é a significação da veste branca como mortalha usada no Yom Kipur, Dia da purificação, ex-piação . Despojamento da matéria, sede da alma, desejo de liberdade, ânsia de amor.